

# PERSPECTIVAS POR UM OLHAR AFRODESCENDENTE: A RELAÇÃO COM O MUNDO, COM O OUTRO E COM ELE MESMO: QUEM É VOCÊ NESSE PERCURSO?!

*PERSPECTIVES THROUGH AN AFRO-DESCENT VIEW: THE RELATIONSHIP WITH THE WORLD, WITH OTHERS AND WITH YOURSELF: WHO ARE YOU ON THIS COURSE?!*

Iury Crislano de Castro Silva **1**

Luciana Venâncio **2**

**Resumo:** *O presente estudo está no formato de um relato de experiência de uma roda de conversa realizada no Grupo de Estudos e Pesquisas de Educação Física Escolar e Relações com os Saberes (GEPEFERS) vinculado a Universidade Federal do Ceará (UFC). Que tem como objetivo discutir temáticas emergentes nas aulas de educação física escolar (EFE) e a relação dos saberes que os(as) estudantes produzem ao longo do ciclo escolar. O convite para a conversa teve como objetivo central que os(as) professores(as)-pesquisadores(as) participantes do GEPEFERS revisitassem as próprias memórias e buscassem identificar elementos com a cultura africana e afro-brasileira. E compreender o autorreconhecimento e pertencimento afro são fundamentais para construção de uma comunidade escolar que possa pensar as suas próprias vivências ao longo da vida, percebendo os saberes que foram invisibilizados por conta de fatores de uma educação monocultural.*

**Palavras-chave:** *Autorreconhecimento Afro. Educação Física Escolar. Antirracismo.*

**Abstract:** *The present study is in the format of an experience report of a conversation circle held at the Group of Studies and Research on School Physical Education and Relations with Knowledge (GEPEFERS) linked to the Federal University of Ceará (UFC). The objective of which is to discuss emerging themes in school physical education (EFE) classes and the relationship between the knowledge that students produce throughout the school cycle. The central objective of the invitation to the conversation was for the teacher-researchers participating in GEPEFERS to revisit their own memories and seek to identify elements with African and Afro-Brazilian culture. And understanding Afro self-recognition and belonging are fundamental to building a school community that can think about its own experiences throughout life, realizing the knowledge that has been made invisible due to factors of a monocultural education.*

**Keywords:** *Afro self-recognition. School Physical Education. Anti-racism.*

---

**1** Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - PPGEF/UFRN. Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Docente pela Rede Estadual de Educação do Ceará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8097991775747172>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9283-7785>. E-mail: [iury.castro94@gmail.com](mailto:iury.castro94@gmail.com)

**2** Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2343126935338257>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2903-7627>. E-mail: [luvenancio@ufc.br](mailto:luvenancio@ufc.br)

## Introdução

O presente estudo é um relato de experiência de uma roda de conversa realizada no Grupo de Estudos e Pesquisas de Educação Física Escolar e Relações com os Saberes (GEPEFERS), coordenado pela Professora Doutora Luciana Venâncio. Que tem como objetivo discutir temáticas emergentes nas aulas de educação física escolar (EFE) e a relação dos saberes que os(as) estudantes produzem ao longo do ciclo escolar.

A proposta do encontro que leva o mesmo título desse estudo, surgiu a partir da dissertação de mestrado do professor-autor (em andamento), que busca analisar as experiências dos(as) discentes na educação física escolar a partir da concepção da educação antirracista, principalmente pelo fator do autorreconhecimento afrodescendente desenvolvido pelos marcadores das africanidades que são aquilo que identificamos como formas de ser, pensar, agir, e produzir conhecimento (Machado; Petit, 2020). O convite para a conversa teve como objetivo central que os(as) professores(as)-pesquisadores(as) participantes do GEPEFERS revisitassem as próprias memórias e buscassem identificar elementos com a cultura africana e afro-brasileira.

Possibilidade que ajuda a construir caminhos e narrativas que vão de contra ao epistemicídio negro, que são as tentativas continuadas de assassinatos e deslegitimação dos conhecimentos, memórias e identidades afro-brasileiras, africanas e não-eurocategorizadas (Carneiro, 2005). A grande problemática dessa questão é que fomos formados em modelo em que a nossa sociedade é vista sob a ótica europeia e eurocêntrica das lutas de classe, segundo a qual o fator étnico não tem importância (Cunha Júnior, 2010).

Nesse sentido, a discussão realizada no GEPEFERS buscou o pertencimento afro e ligações com as próprias vivências dos(as) professores(as)-pesquisadores(as), compreendendo em que mundo que vivemos e quais relações podemos aproximar das realidades presentes no contexto escolar, também pensando em que saberes são produzidos nesse ambiente. E por fim, como a prática pedagógica de cada um(a) poderia transformar situações cotidianas pautadas por uma estrutura racista, ainda pautada em um pensamento hegemônico.

## Metodologia

O estudo tem formato de relato de experiência, de caráter qualitativo que possibilita investigar valores, atitudes e motivações do público pesquisado. A pesquisa qualitativa é utilizada com o intuito de compreender os fenômenos (fatos que acontecem naquele ambiente que está sendo pesquisado), a qual o(a) pesquisador(a) irá descrever e interpretar tais fenômeno.

Os fenômenos pesquisados foram os relatos dos(as) professores(as)-pesquisadores(as) que participavam do GEPEFERS. Antes o dia da roda de conversa cada um(a) tinha que escolher algum objetivo ou memória, que pudessem ser registrada e criar uma narrativa sobre o que escolheu, a escolha tinha que ter ligação com as raízes afro-brasileiras e africanas. Para que pudesse discutir e compreender que uma formação para o reconhecimento da nossa ancestralidade e de nossa origem proporciona uma consciência política, cultural, ética e estética que nos leva a lutar contra o racismo e as barbáries que o mesmo origina, potencializando nosso pertencimento (Machado; Petit, 2020).

Barbáries das quais têm sua origem no contexto brasileiro desde que houve a decisão que acelerou a escravização nas colônias sul-americanas: os(as) colonizadores(as) sequestraram os(as) negros(as) da África, a respeito dos quais ninguém negou que pudessem ser escravizados(as) (Charlot, 2019). Sendo assim, não existe aprender fora de uma relação entre o sujeito e o meio onde vive e entre o sujeito e o conhecimento a ser aprendido (Charlot, 2000).

E podendo considerar que essas narrativas junto a educação física, tornem uma possibilidade para uma proposta intercultural, que auxilia reconhecer e tolerar as diferenças, é preciso intervir, transformar estruturas sociais injustas, reconstruir sob outras bases, estabelecendo outras/novas formas de relações, de existir e co-existir. (Munsberg; Silva, 2018).

As narrativas foram enviadas via *Whatsaap* (aplicativo de conversas instantâneas) junto com a fotografia que serviu de inspiração para o texto produzido. No total foram cinco produções enviadas, pois foi aberto que para quem tivesse interesse ou disponibilidade em participar, logo em

seguida os textos narrativos foram discutidos ao longo da roda de conversa e fazendo as conexões com os marcadores das africanidades.

## Desenvolvimento, resultados e discussão

O Brasil tem tido uma prática secular de apagamento das contribuições filosóficas, tecnológicas, econômicas, ético-estéticas e históricas, tanto dos povos originários indígenas como da população descendente de povos africanos. E a formação dos(as) professores(as) ainda pautada em uma visão eurocentrada pode invisibilizar saberes que podem contribuir para a formação da própria identidade, importante ressaltar que o déficit dessa construção identitária e para alunos(as) negros(as) e não negros(as), pensando na prática pedagógica.

E um fator determinante para esses saberes serem evidenciados nos espaços escolares é a Pretagogia<sup>1</sup>, que pode ser vinculada com a educação física escolar com o intuito de conectar esses saberes afrodescendentes com a realidade dos(as) estudantes. A Pretagogia tem vários motivos de surgimento. Um dos principais é de diminuir a imensa lacuna de conhecimento dos referenciais afro que perpassam nossa condição afrodiaspórica (Machado E Petit, 2020). Evidenciando um caminho progressista, que estabelece a urgência da necessidade da valorização da cultura negra e indígena nas manifestações corporais da educação física escolar (Barbosa et.al, 2022). Com isso, os marcadores das africanidades auxiliam na busca pela própria ancestralidade das vivências ao longo da vida. Como podemos observar na tabela abaixo.

**Tabela 1.** Marcadores das Africanidades

Marcadores das africanidades	
1 – História do meu nome	16 – Danças afro
2 – Histórias da minha linhagem, inclusive agregados	17 – Cabelo afro (encaracolado/cacheado/crespo) - práticas corporais de afirmação e negação dos traços negros diacríticos
3 – Mitos/lendas/o ato de contar/valorização da contação	18 – Representações da África/relações com a África
4 – Histórias do meu lugar de pertencimento/comunidade/Territorialidades e desterritorialidades negras (movimentos de deslocamentos, geográficos, corporais e simbólicos)	19 – Negritude – Força e Resistência
5 – Sabores da minha infância – pratos, modos de comer e o valor da comida	20 – Artesanatos
6 – Pessoas negras referência da minha família e da minha comunidade e pessoas negras referência do mundo, significativas para mim	21 – Outras tecnologias
7 – Simbologias da Circularidades: tempos cíclicos e da natureza	22 – Valores de família/filosofias
8 – Práticas e valores de Iniciação/Ritos de transmissão e ensino	23 – Racismos (perpetrados e sofridos)
9 – Mestras e Mestres negras/negros (da cultura negra)	24 – Formas de conviver/laços de solidariedade/relações de comunidade
10 – Escrituras Negras	25 – Relação com a natureza
11 – Curas/Práticas de saúde	26 – Religiosidades Pretas

<sup>1</sup> Uma pedagogia empretecida que bebe essencialmente nas fontes das africanidades para a constituição do seu corpo teórico prático (Machado; Petit, 2020).

12 – Cheiros “negros” significativos	27 – Relação com as mais velhas e os mais velhos
13 – Festas afro da minha infância e festas de hoje	28 – Vocabulário/formas de falar
14 – Lugares míticos e territórios afromarcados (investidos pela negritude)	29 – Relação com o chão (vivências e simbologias)
15 – Músicas/cantos/toques/Ritmos/estilos afro	30 – Outras Práticas corporais (brincadeiras tradicionais/jogos e outros)

**Fonte:** (Alves; Petit, 2015; Machado; Petit, 2020).

Nesse sentido, os(as) professores(as)-pesquisadores(as) apresentaram narrativas que acrescentassem nas discussões durante a roda de conversa. Vamos apresentar as imagens e trechos das narrativas a seguir:

**Figura 1.** O quintal



**Fonte:** Arquivo pessoal do(a) participante.

“A minha narrativa remete a um espaço-tempo muito significativo para mim. O quintal onde me deparei com a minha existência. Nesse quintal foi construída a casa onde meu pai e minha mãe criaram 3 filhos e 2 filhas. Onde aconteciam as festas, as brincadeiras, as brigas, as descobertas dos aromas e dos sabores das frutas (limão, abacate, caqui, pera, goiaba, uva, banana, pitanga e figo; a acerola foi a mais recente - ganhamos uma muda de outra família preta) ...”

**Figura 2.** Boneca negra?!

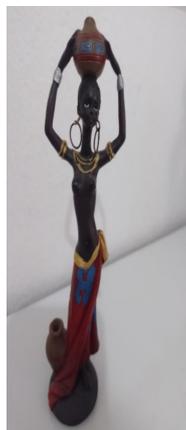


**Fonte:** Arquivo pessoal do(a) participante.

“Remeti essa boneca a questão da africanidade, pois conheço de maneira superficial a história de meus ancestrais do lado materno, diversas atribuições culturais que minha avó me ensinou, hoje tendo um olhar mais crítico-reflexivo, da culinária, as tranças, vestimentas, pinturas

que tínhamos em casa, entre outros elementos...”

**Figura 3.** Valorização da feminilidade negra



**Fonte:** Arquivo pessoal do(a) participante.

“Penso que essa obra representa sim as africanidades, mas possui significados em cada elemento presente nela. Na minha interpretação a feminilidade e valorização da beleza presentes nos acessórios interagem com aspectos do cotidiano de carregar o jarro feito artesanal e detalhadamente para uso. O corpo a mostra revelam costumes que dialogam com a valorização daquela que traz a vida e alimenta, a mulher...”

**Figura 4.** A cabaça.



**Fonte:** Arquivo pessoal do(a) participante.

“Eu acabei entrando em um bloco para aprender a tocá-lo, com muita dificuldade, sendo os principais espaços onde eu percebia o seu uso. Eu nunca pesquisei muito sobre ele, e assumo que pra associar sua raiz com a África, associei o uso da cabaça, desta rede e das miçangas, e o uso deste instrumento...”

Figura 5. O tempo.



Fonte: Arquivo pessoal do(a) participante.

“Diz respeito ao tempo, ao meu tempo e ao respeito ao tempo de todos(as) e cada um(a). Ao tempo de quem já se foi, e continua conosco, ao de quem está conosco e ao tempo de quem ainda virá a estar conosco. É o tempo da vida, da minha vida e da nossa vida. Procuro viver meu tempo desse modo a cada intervalo de respiração...”

Todas as imagens e narrativas foram apresentadas de forma expositiva para que os(as) participantes da roda de conversa pudessem apontar quais eram os marcadores das africanidades que poderia ser associado a cada uma. E o longo das discussões os(as) próprios(as) autores(as) de cada uma delas confrontavam o que tinham produzido com o processo de autorreconhecimento, que como já foi citado passou por um processo de invisibilização.

Esse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração e que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática de liberdade (Hooks, 2013).

Por fim, as relações étnico-raciais podem ser relativas aos princípios de conexão entre escola e sociedade, que implicam na práxis pedagógica vista como práxis social (Venâncio et al, 2021). Os conhecimentos ou saberes produzidos pela população negra dizem respeito a uma forma de conhecer o mundo, a produção de uma racionalidade marcada pela vivência da raça – entendida como construção social, histórica e cultural – numa sociedade racializada desde o início da sua conformação social (Gomes, 2011). Promovendo uma educação que pensa e promove as relações étnico-raciais, buscando uma comunidade / sociedade justa, que valorize e respeite as singularidades e diversidades culturais e as pessoas que constituem tal comunidade, sociedade (Machado; Petit, 2020).

## Considerações finais

Valorizar e potencializar nossas raízes africanas, fazendo-nos reconhecer nossas heranças afroancestrais na formação cultural brasileira e transpondo esses conteúdos para os currículos educacionais, indo além do foco na questão do racismo, além do mais permitindo aos sujeitos manter uma relação estreita entre vivência e teorização, no sentir do próprio corpo os conceitos que perpassam a cosmovisão africana (Silva; Petit, 2019).

O autorreconhecimento por meio das relações africanas e afro-brasileiras é fundamental para construção de uma comunidade escolar que possa pensar as suas próprias vivências ao longo da vida, percebendo os saberes que foram invisibilizados por conta de fatores de uma educação monocultural.

E seguindo os princípios de uma educação antirracista os(as) educadores(as) precisam abordar nas aulas e práticas educativas a existência digna a cultura de base africana e afro-brasileira. Elas fazem parte do patrimônio cultural e intelectual do povo brasileiro. Está na formação da nossa identidade como povo (Cunha Júnior, 2009).

## Referências

- ALVES, K. F.; PETIT, S. H. Pretagogia, pertencimento afro e os marcadores das africanidades: conexões entre corpos e árvores afroancestrais. In: ALVES, Kellynia Farias; MACHADO, Adilbênia Freire; PETIT, Sandra Haydée (Orgs). **Memórias de Baobá II**. Fortaleza: Imprece, 2015.
- BARBOSA, L. C.; OLIVEIRA, L. M.; CORDEIRO, L. L. B.; XAVIER, V. M. F. L.; FILHO, R. S. B.; LIMA, C. E. S.; SILVA, I. C. C.; VENÂNCIO, L.; SANCHES NETO, L. A Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) e as proposições teórico-metodológicas da educação física escolar: reflexões entre licenciandos/as. **Educação Física Escolar: múltiplos olhares** - ISBN 978-65-5360-241-0 - Vol. 1 - Ano 2022.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CHARLOT, B. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- [CHARLOT, Bernard](#). A questão antropológica na Educação quando o tempo da barbárie está de volta. **EDUCAR EM REVISTA**, v. 35, p. 161-180, 2019.
- CUNHA JÚNIOR, H. A. Candomblés: como abordar esta cultura na escola. **Revista espaço acadêmico**, número 102, novembro, 2009.
- CUNHA JÚNIOR, H. A. Cotas para a População Negra nas Universidades Brasileiras. **Universidade e Sociedade** (Brasília), v. 46, p. 28-34, 2010.
- GOMES, N. L. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **RBPAE – v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr. 2011.**
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.
- MACHADO, A. F., & PETIT, S. H. Filosofia africana para afrorreferenciar o currículo e o pertencimento. **Revista Exitus**, 10(1), e020079, 2020.
- MUNSBERG, J. & SILVA da, G. Interculturalidade na perspectiva da descolonialidade: possibilidades via educação. **RIAEE - Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, 13(1), 140-154, 2018.
- SILVA, S. M.; PETIT, S. H. Movimentando a Lei nº 10639/03 na integridade da escola à luz da pretagogia: uma experiência potencializadora no Cariri cearense. **Debates em Educação, [S. l.]**, v. 11, n. 23, p. 543–554, 2019.
- VENÂNCIO, L., BRUNO, B. D., SILVA, I. C. de C., FLOR, B. J. M. S. de, GONÇALVES, Y., & SANCHES NETO, L. Temas e desafios (auto)formativos para professoras de educação física à luz da didática e da justiça social. **Cenas Educacionais**, 4, e10778, 2021.

Recebido em 10 de setembro de 2023.

Aceito em 18 de dezembro de 2023.